



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da ThyssenKrupp CSA Siderúrgica do Atlântico
Rio de Janeiro-RJ, 18 de junho de 2010**

Eu penso que depois de apertar este botão e começar a funcionar a fábrica, (incompreensível) que vocês possam se retirar para trabalhar.

Eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro, Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar o companheiro Wilfried Grolig, embaixador da Alemanha no Brasil,

Cumprimentar o ministro Márcio Zimmermann, de Minas e Energia,

Cumprimentar... em nome dele cumprimentar todos os ministros que estão aqui,

Cumprimentar o Presidente da Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro,

O nosso companheiro Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Senador Dornelles,

Deputados Edmilson Valentim, Eduardo Cunha, Filipe Pereira, deputado Felipe Bornier e deputado Luiz Sérgio,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes,

A nossa querida companheira prefeita de Fortaleza, Luizianne Lins,

Quero cumprimentar o companheiro Ekkehard Schulz, presidente da ThyssenKrupp mundial,

O Sérgio Rosa, nosso companheiro presidente do Conselho de Administração da Vale,

Nosso companheiro Roger Agnelli, diretor-presidente da Vale, por meio



de quem quero cumprimentar todos os empresários aqui presentes,

Quero cumprimentar os queridos companheiros Andréia de Oliveira e Marcos Antônio de Oliveira Resende, representantes dos empregados da ThyssenKrupp, por meio dos quais cumprimento todos os funcionários da ThyssenKrupp,

Cumprimentar os companheiros da imprensa,

Dizer para vocês da minha alegria, da minha alegria porque não tem nada mais gratificante para um governante, seja ele prefeito, seja ele governador ou presidente da República, do que ele concluir um projeto, concluir uma obra. Esta obra que nós estamos concluindo aqui é uma obra que algumas pessoas não acreditavam que nós pudéssemos concluir, porque no Brasil, lamentavelmente – não é mais assim –, mas no Brasil as pessoas tinham o hábito de não acreditar que as coisas pudessem acontecer no Brasil.

Houve um tempo em que a gente vivia em uma maré de descrença tão grande, era uma energia negativa tão grande, que mesmo que as coisas estivessem para acontecer, não aconteciam, porque não há nação, por maior que seja, que aguente uma energia negativa. As pessoas se levantando mal-humoradas, as pessoas achando que no Brasil nada acontece, as pessoas achando que o resto do mundo era maravilhoso e que o Brasil não ia bem, e isso durante tempo. Eu ainda hoje vejo, da Seleção brasileira, as pessoas pensarem assim. A Alemanha ganhou um joguinho de 4x0 ou 4x1, “é a maior Seleção do mundo” – hoje perdeu para a Sérvia – e continua sendo a Alemanha, com amplas possibilidades de ir para a final da Copa. Se a gente analisar 80 anos da Copa, três países ganharam dois terços: Brasil, Alemanha e Itália. Outros quatro países ganharam seis vezes. Então, 60% das Copas ganhas, em 80 anos, foram para Brasil, Itália e Alemanha. Não é porque perdeu um jogo ou ganhou um jogo. “Ah, mas a Argentina está maravilhosa” – até enfrentar o Brasil, até enfrentar o Brasil.



Agora, a verdade, a verdade é que esta Seleção, diferentemente da de 2006... a de 2006 era só craque. A gente olhava, era tanta estrela que a gente não via o céu. O que é que deu? Fomos desclassificados. A de [19]82 e a de [19]86, do nosso saudoso Telê Santana, é tida, por quem gosta de futebol, como a melhor Seleção do mundo, o maior espetáculo. Caímos fora duas vezes. O Platini nos tirou uma vez e o Paolo Rossi nos tirou outra vez. Em [19]94 a gente foi com um time capenga, só tinha o Romário, que foi convocado nas últimas (incompreensível) e classificou o Brasil. Fomos lá, ninguém acreditava. Jogamos feio; ganhamos a Copa do Mundo. O que vale nesse negócio não é se o cara mexeu para cá, pedalou para cá; é se no final o cidadão levantar aquele caneco. É isso o que conta na Copa do Mundo.

Eu acho que é a Seleção que nós temos, são os jogadores que nós temos. Se a gente olhar bem, só tem um craque formado que não foi convocado, que é o Ronaldinho Gaúcho. Agora, não foi convocado porque não quis. Profissional de bola tem que jogar bem todas as vezes, para ser convocado. A gente não convoca mais pelo nome. Você convoca quem está jogando. Da mesma forma que a Vale não vai contratar um diretor porque o cara foi bom: ou ele está bom ou não será contratado. Ninguém convoca ninguém por história, senão eu e você seríamos convocados. Não, não tem... É por isso que eu sou otimista.

Mas, vejam, eu estava dizendo da mudança que houve no Brasil. Eu ainda era dirigente sindical quando eu aprendi uma lição de vida. Eu aprendi que um pai, um chefe de família, ele só é respeitado dentro de casa se ele souber respeitar a sua família. Se ele não souber respeitar, ele pode ser bravo... E não confundir medo com respeito: as pessoas podem ter medo, mas não têm respeito. Um dirigente político – um prefeito, um governador ou um presidente da República –, ele só será respeitado pelo seu povo e por outros chefes de Estado se ele se fizer respeitar.

O Brasil, durante muito tempo, Sérgio Cabral, durante muito tempo, o



Brasil achava que podia tudo “dar o jeitinho brasileiro”. O Brasil assinava contratos e não cumpria, o Brasil dizia que ia pagar e não pagava. Todo mundo achava aquele (incompreensível) de malandragem, que todos nós conhecemos, que isso fazia bem para o mundo. Mas quando a gente tem que fazer relações com outro Estado, a gente pode enganar uma vez, a gente pode enganar duas vezes, mas chega uma vez em que as pessoas falam: “Esse país não é sério e, portanto, eu não faço negócios com esse país”. É assim a vida política mundial.

Muita gente não acreditava no Brasil. Quando eu cheguei... os meus economistas, os meus companheiros que trabalhavam comigo antes de eu ser Presidente... eu fazia reunião, Sérgio, com 10, 12, 15, 20 economistas, os melhores do país, e em toda reunião – o Sérgio Rosa participava de algumas –, em todas as reuniões, no final, terminavam: “O Brasil não tem jeito, o Brasil está quebrado. Ah, o Brasil não vai para lugar nenhum, não tem jeito, não tem”. Eu falava: gente, mas se não tem jeito, por que é que vocês querem que eu seja Presidente? Vocês estão dizendo que acabou o Brasil. Tinha acabado coisa nenhuma!

Quando eu fui eleito Presidente, uma das primeiras pessoas que eu recebi foi o meu amigo Köhler, presidente do FMI, presidente da Alemanha e que renunciou ao mandato agora. Eu disse ao Presidente do FMI: olhe, a primeira coisa que nós precisamos é estabelecer uma relação de confiança entre nós. Eu não quero ser fiscalizado como se fosse alguém irresponsável, que a cada dois meses tem que vir uma delegação aqui perturbar. Eu vou cumprir com as minhas obrigações e eu quero que vocês cumpram com as de vocês.

Você está lembrado, Sérgio, que eu elevei o superávit primário. Naquele tempo, a minha oposição dizia: “Mas o Lula está elevando o superávit primário. Ele está dando dinheiro para banqueiro, quando deveria dar dinheiro para o pobre”. Acontece que se eu não fizesse superávit primário, eu não tinha,



primeiro, dado a ideia da seriedade da economia brasileira e certamente nós não teríamos chegado aqui hoje. Nós teríamos parado no meio, porque o Brasil não tinha dinheiro sequer para pagar as suas importações, sequer. O Brasil tinha, de reserva, 60 bilhões, dos quais 30 bilhões eram do FMI. Já, em 2005, eu tomei uma atitude e falei: sabe de uma coisa? Eu vou acabar com esse negócio de ficar devendo. Chamei o FMI e falei: eu quero devolver o dinheiro de vocês. “Não, Presidente, é importante que o senhor tenha o dinheiro como garantia. Fica com o dinheiro do FMI”. Eu falei: não, eu não quero o dinheiro. Pegue os seus 30 bilhões, pode levar embora, que nós não precisamos dele. Hoje o Brasil não deve nada ao FMI, eles nos devem US\$ 14 bilhões, que nós emprestamos para eles agora para resolver essa crise que aconteceu nos países ricos, e ainda temos US\$ 250 bilhões. Somos a sétima reserva mundial, portanto, nós estamos tranquilos.

Eu ouvi o Presidente da ThyssenKrupp falar em crise mundial. Não existe ainda uma crise mundial. Existia uma crise, que era a crise econômica do *subprime*, a crise do setor imobiliário americano, que desnudou o sistema financeiro internacional, que não tinha nenhuma regulamentação, e eu disse que a nossa crise seria apenas uma marola e que a gente iria dar a volta por cima muito rápido. Vocês viram que eu fui muito criticado, e aconteceu exatamente o que nós queríamos que acontecesse: o Brasil foi o último país a entrar na crise e foi o primeiro país a entrar [sair da] na crise.

Isso está demonstrado na recuperação da produção do setor siderúrgico; isso está demonstrado na recuperação da indústria automobilística; isso está demonstrado na quantidade de geladeiras, de máquinas de lavar roupa, de fogões que está sendo vendida; isso está demonstrado no crescimento do comércio, onde, no Brasil, as classes mais pobres, D e E, consumiram no ano da crise mais do que as classes A e B das regiões Sul e Sudeste do país; está demonstrado no comportamento da Vale do Rio Doce, que quando veio a crise econômica profunda, a Thyssen não podia mais



colocar todo o dinheiro e a Vale do Rio Doce entrou e colocou mais dinheiro, porque a Vale sabia que era importante essa parceria e o nosso projeto; que o governo cumpriu o compromisso com a ThyssenKrupp, dos US\$ 90 milhões que tínhamos compromisso para dragagem aqui. Tudo isso porque eu aprendi que a ThyssenKrupp só vai me respeitar se eu for sério e me fizer respeitar. Se ela perceber que eu não sou sério, ela não vai me respeitar.

Aqui neste país – é importante vocês, trabalhadores, saberem –, aqui neste país, desde 1975 – alguns de vocês nem tinham nascido ainda –, desde 1975 que este país não tinha investimento em infraestrutura. Somente depois de 2003 é que nós começamos a pensar em fazer infraestrutura, mas primeiro tivemos que arrumar a casa, porque a gente, quando começa a construir uma casa, tem que fazer parte por parte. Se não fizer o alicerce, não coloca o telhado; se não colocar a parede, não coloca o madeiramento; se não tiver o telhado, não adianta fazer casa. Então nós preparamos a casa, para chegar hoje em uma situação muito confortável.

A crise, meu caro amigo Presidente da ThyssenKrupp, a crise hoje é uma crise europeia, é uma crise da demora de tomada de decisão. Quando a gente descobre que um cliente está com... um paciente está com uma doença grave, a gente não manda esperar, a gente aplica logo o remédio. Não é possível que uma crise em um país do tamanho da Grécia provoque uma crise monstruosa na Europa toda, não é possível. Todo mundo sabe que se o presidente Bush tivesse, em 2008, no mês de julho, colocado US\$ 60 bilhões, não tinha quebrado o Lehman Brothers. Não colocou, depois teve que colocar quase US\$ 1 trilhão. Se a Europa inteira tivesse resolvido logo o problema da Grécia, nós não teríamos chegado na Espanha, na Itália, em Portugal, e nós teríamos descoberto logo que o sistema financeiro está um pouco apodrecido no chamado mundo rico.

É preciso... O Brasil, que foi muito fiscalizado, o Brasil deveria servir de exemplo. As pessoas deveriam vir aqui conhecer o sistema financeiro brasileiro



para as pessoas saberem que nós somos tão sérios ou mais sérios do que muitos que achavam que nós não éramos sérios. É só conhecer este país.

Nós vamos, agora, para o G-20, estou indo a Toronto no próximo dia 26. As decisões que nós tomamos na primeira reunião do G-20, a maioria não foi aplicada ainda. Aprovamos colocar dinheiro no FMI – sabe quem colocou dinheiro no FMI? O Brasil, a China, a Índia, os países ricos ainda não colocaram. Graças a Deus, os Estados Unidos começam a dar sinais de recuperar. Há uma coisa importante, é que nós temos hoje o mundo dividido em dois grupos: nós temos o grupo de que o Brasil faz parte, mais os Brics, mais os Estados Unidos, que acreditam que é preciso retomar o desenvolvimento, investindo na geração de emprego e distribuição de renda, e tem o grupo liderado pela Europa, que acha que tem que ter ajuste fiscal.

Não é possível. Este país aqui – só o Dornelles fez uns dez ajustes fiscais –, este país viveu duas décadas fazendo ajuste fiscal, e toda vez que se fala em ajuste fiscal, é mandar trabalhador embora, é cortar salário, é fazer um monte de coisas, quando, nessa crise, nós temos que fazer o contrário. Nessa crise, nós temos que investir e foi o que nós fizemos, foi o que nós fizemos, e é por isso que o Brasil está em uma situação confortável, em uma situação boa economicamente, é por isso que a ThyssenKrupp acreditou no Brasil e terminou o seu projeto. Ela poderia ter parado: “Não, estamos em crise, vamos parar, não precisamos mais investir, vamos aguardar o que vai acontecer”. Ela acreditou e eu agradeço, como Presidente da República, pelo fato da Thyssen ter acreditado, e teve como parceira uma companhia da seriedade da nossa querida Vale.

Eu tenho certeza de que vocês já sabem que esse povo... Você não vê, no mundo... Uma coisa extraordinária, Sérgio, é que você... Agora, a Alemanha tem um jogador, um brasileiro negro, de centro-avante. Mas é o seguinte: você não vê, no mundo, um público como este. Você chega à África, é só preto; você chega à Europa, é só branco; aqui, no Brasil, não: que maravilha, que



mistura de cores. Aqui, nós temos branco, preto, amarelo, meio amarelo, temos tudo. Isso aqui é a mistura mais extraordinária de europeu, de índio e de negro. Foi o cruzamento mais perfeito que deu esse povo aqui. Isso aqui é uma coisa multicolor, é uma coisa fantástica, não é uma cor só.

Eu penso que a autoestima do povo brasileiro está em um momento excepcional. O depoimento da menina que falou aqui é o depoimento que nós temos ouvido pelo Brasil inteiro, temos ouvido aqui, no Rio de Janeiro. Eu tenho consciência de que, nos últimos 30 anos, o Rio de Janeiro não recebeu metade dos investimentos que está recebendo agora, o Rio de Janeiro vivia para baixo, o Rio de Janeiro aparecia na imprensa apenas nas páginas policiais, e o Rio de Janeiro, hoje, é um dos estados com maior investimento. O povo carioca está ficando feliz, está percebendo que a bandidagem é uma minoria na sociedade e que nós haveremos de derrotá-los, porque a maioria quer trabalhar, quer viver em paz, quer estudar, quer ter acesso a lazer e a cultura.

Eu, o Sérgio Cabral e o prefeito Eduardo Paes já subimos mais em favela do que todos os presidentes da República e governadores. Porque em favela só subia policial, para matar o pobre; agora a polícia tem que estar lá para botar ordem, mas o Estado tem que está lá para fazer obra, o pobre quer escola, o pobre quer ter direito à cultura. E vocês vão visitar a Rocinha, vão visitar o Complexo do Alemão, vão visitar Pavão-Pavãozinho, Manguinhos, vocês vão perceber... na Cidade de Deus, como nós fomos esses dias, e vocês vão perceber que o Rio de Janeiro, haverá um dia, eu ainda estarei vivo, que nós tiraremos do nosso dicionário a palavra “favela” e tudo vai se chamar bairro ou vila, como a gente tem que chamar, e não favela, que é quase que uma apologia à desgraça humana que o Rio de Janeiro parecia estar predestinado. Não é verdade. O Rio de Janeiro é um estado que é orgulho deste país, porque foi a nossa capital, porque no mundo inteiro todo mundo conhece o Rio de Janeiro. Então, quando a gente faz investimento aqui, a gente não está



fazendo favor, a gente está devolvendo ao Rio de Janeiro o que é do Rio de Janeiro, como fazemos com São Paulo ou com Minas Gerais.

Não tem um estado no Brasil, hoje, que não tenha grandes investimentos, nenhum, de Roraima ao Rio Grande do Sul, do Acre ao Rio Grande do Norte, todos têm muitas obras e muitas obras em parceria do governo federal, governo estadual e prefeitos.

Uma coisa interessante e que eu tenho orgulho: aqui, neste estado, eu acho que quando o Sérgio Cabral... O Sérgio Cabral fez muita oposição a mim no primeiro mandato. Depois, quis o destino que a gente se encontrasse no segundo turno das eleições de 2006. Eu disse para o Sérgio: Sérgio, se a gente ganhar, a gente vai poder construir a mais extraordinária parceria entre o estado e a União, porque o Rio de Janeiro sempre esteve brigado com a União. Era não sei quem que brigava com não sei quem, não sei quem que brigava com não sei quem. Eu falei: se a gente não brigar, só tem um ganhador – é o povo do estado do Rio de Janeiro. É ele que vai ganhar se a gente não brigar.

E, aí, dizer para a Thyssen que podem ficar certos que este país vai ter mão de obra qualificada como nunca teve na sua história. É importante dizer para o Presidente da ThyssenKroup que eu, ainda falta seis meses para terminar o mandato, mas já sou o presidente do Brasil que mais fez universidade na história do Brasil. São 12 já inauguradas e duas para começar até o final do ano. Uma latino-americana, para ter aluno latino-americano e brasileiro, e outra para ter africano e brasileiro, lá no Ceará, na cidade de Redenção, onde os escravos começaram a primeira luta pela libertação da escravidão no Brasil. Nós temos 214 escolas técnicas prontas, mais de 150 funcionando, já. Em 100 anos, construíram 140 [escolas técnicas], em oito anos, nós vamos entregar 214 [escolas técnicas], e é pouco, pelo atraso a que o Brasil ficou submetido durante o século XX. Portanto, eu concordo com o governador Sérgio Cabral de que a Thyssen, certamente, cinco milhões de toneladas é apenas para começar, é como se fosse a sobremesa. Porque pode



ficar certo, e vou dizer olhando na cara do povo brasileiro, de que este país, no mais tardar, nos próximos dez anos será a quinta ou a quarta economia do mundo, ou seja, nós vamos crescer e vamos crescer muito, e vamos crescer com responsabilidade e com seriedade, não vamos brincar. Esses dias, vocês viram que eu sancionei a lei que deu aumento aos aposentados, de 7,7%. Mas só sancionei porque os ministros da Fazenda e do Planejamento acertaram comigo de cortar no orçamento o equivalente ao que vai importar o custo do aumento do salário, inclusive cortar de emendas parlamentares. Já que eles aprovaram, então têm que pagar um pouco também do aumento que nós estamos dando. Vamos cortar dos Ministérios, porque nesse momento eu não quero dar nenhum sinal de irresponsabilidade. Eu estou deixando a Presidência e quero entregar o país mais preparado do que eu encontrei, para que este país não sofra retrocesso, como historicamente nós sofremos.

Então, eu quero agradecer, companheiro Sérgio Cabral, pelo nosso trabalho, quero agradecer as cinco reuniões que nós tivemos com a Thyssenkrupp nesse período. E quero dizer que é um sonho realizado vir aqui concretizar e ver a cara de tanta gente boa que vai levar para casa o pão de cada dia às custas do seu trabalho e do seu suor. É assim que a gente vai vencer o crime organizado, a bandidagem e aqueles que não querem viver de trabalho.

É com muito orgulho, é com muito orgulho que eu digo à Thyssen, à Vale, ao Sérgio, ao Prefeito e a vocês: muito obrigado, e o Brasil saberá agradecer o que vocês fizeram acontecer neste país hoje.

Um abraço, que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)